



DIRECTOR:

Augusto de Santa-Pita

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 709

A HISTORIA da MARIA ROSA

Por LEONOR DE CAMPOS

PARA A ROSA MARIA

ESCUTA, Rosa Maria, a história da Maria Rosa, uma rapariga simpática e esperta como tu, mas... como tu, desobediente.

A Maria Rosa vivia numa cidade da provincia, com sua mãe, costureira habilidosa e trabalhadora, que muito nova ficára viúva e com aquela filha pequenina.

Sem descanso, para que a criancinha nada faltasse, a senhora Cândida todo o dia pedalava, curvada sobre a máquina de costura.

Maria Rosa crescia. Tão depressa a mãe lhe fazia um vestidinho simples, mas jeitoso, como este deixava de lhe servir. A senhora Cândida comentava a sorrir:

— «Ou o vestido encolheu ou tu aumentaste !...»

E, daí a pouco, mais um vestido surgia, de aparência modesta, mas que representava um ou dois serões da senhora Cândida. Fazia-o nas horas que roubava ao seu descanso, enquanto Maria Rosa dormia, feliz, na sua caminha.

Maria Rosa crescia. A mãe quis que ela aprendesse a ler, a escrever e a contar com perfeição. Para isso, era preciso mandá-la á escola. E então meteu-a num colégio que ficava defronte, porque não queria deixá-la andar sôzinha na rua e não tinha tempo para a acompanhar. Assim, mesmo da janela, a vigiava.

Mas como o colégio era pago, e os livros, cadernos, lápis e borrachas custavam dinheiro, a senhora Cândida levantava-se mais cedo e toda a manhã cosia afanosamente.

Maria Rosa crescia. Mas os sapatos não cresciam com ela. Eram caros. Contudo... a menina felizarda nunca deixou de ter dois pares de sapatos



bons; um, para a escola, o outro, para os domingos. E quem os pagava? A mãe, com o seu trabalho.

Maria Rosa crescia. E cada vez o apetite era maior. Comia, comia como um lobinho esfomeado. Mas nunca lhe faltou de comer.

As vezes, havia pouco dinheiro em casa. Então, a senhora Cândida con-

(Continua na página 4)



O SONHO DO OURO

Por MANUEL FERREIRA

DESDE que, em certo dia, um ourives ambulante viera dar dois dedos de cavaco à loja do Manel da Venda, este acalentava o desejo de vir a ser imensamente rico.

O ourives fizera-o pasmear, mostrando-lhe um cordão imenso, que pesava meio quilo, um par de arrecadas que fazia delirar todas as moçoilas da aldeia. Então, o Manel deu em perguntar:

— «Mas o que vem a ser isto do ouro? É feito com quê? Onde é que se faz?»

Rindo, o ourives explicou que o precioso metal luzia nas pedras ou em palhetas na areia de certos rios.

— «Onde? Onde?» — perguntou o Manel, admirado.

— «Lá fora, no Transvaal, na Canadá, em Moçambique. Naquelas terras, anda-se aos pontapés ao ouro.»

Afierraram-se aquelas palavras no bestunto do Manel. Ele, que vivia feliz, com os modestos lucros do seu negócio, revoltou-se contra a sorte. Queria vir a ser rico, muito rico. Para isso, iria emigrar e, por mais que alguns companheiros o tentassem dissuadir, ele nem os ouvia.

Dai a alguns dias, o Manel vinha a Lisboa tratar dos papeis do embarque. Iria para o Transvaal, que ele não sabia onde ficava, mas que era terra onde o ouro se encontrava a cada passo.

Porém, ao ser atendido no consulado,

mandaram-o voltar no dia seguinte e, nessa noite, quando passava por um cinema, viu, em grandes letras, as palavras «O sonho do ouro», título da fita que se exhibia.

Comprou o bilhete e foi assistir. Talvez o que visse lhe fosse útil.

No seu lugar, Manel da Venda arregalava os olhos para o ecran. Ouviu-se o som duma campainha, chamando os retardatários, apagaram-se as luzes e começaram a movimentar-se as figuras.

O argumento surgiu:—Um grupo de homens, modestos fazendeiros do Oeste americano, não haviam podido resistir à tentação da riqueza. Após a venda dos bens, os aventureiros partiram para o desconhecido.

Andaram dias, muitos dias, num sítio deserto, onde não havia uma peça de caça, um fruto, ou a mercê duma gotinha de água.

Levados por falsas pistas, demoraram-se dois meses a encontrar o caminho que, afinal, estava próximo do ponto da partida. Depois foi a tragédia. Aos poucos, foram tombando, em delírio, atacados de febres. A terra continuava deserta.

Passados dias, apenas um dos homens, Jack, conseguiu descobrir as minas. Que alegria ao ver, aqui e além, rochedos cobertos de estrelinhas que rebrilhavam e, no leito dum riacho completamente seco, as pepitas ambicionadas!

Havia ali a maior fortuna do mundo. Para cada lado que se voltasse, via

aquelas serras, sob a carícia do sol, brilharem, maravilhosamente.

Mas a terra era amaldiçoada. Nem uma gota de orvalho, nem uma raiz, sequer. Sómente pedras e rochas se viam.

A fita terminava apresentando Jack.



tombado, cheio de fome e sede, no meio daquela tão grande ambição que o levava à morte.

Quando as luzes brilharam, novamente, na sala, o Manel da Venda meditou. Pois quê? Então, era assim tão difícil a posse do ouro?

Não, não partiria!

O Manel abandonou para sempre esses sonhos de riqueza desmedida e continuou a viver do seu negócio, lá na aldeia, alegre e feliz.





O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Não acham tão engraçado este bebê? Eu confesso que o acho apetitoso!

Como éle parece ufano da sua linda «toilette»!

E tem razão, sim, minhas queridas, porque o seu fatinho fica-lhe muito bem. O Bebê está um janota!

Mas éle não é egoísta; não quer estes luxos só para si, motivo porque veio aqui, hoje, apresentar-se, a-fim-de que vocês possam copiar o modelo para os bebês da família.

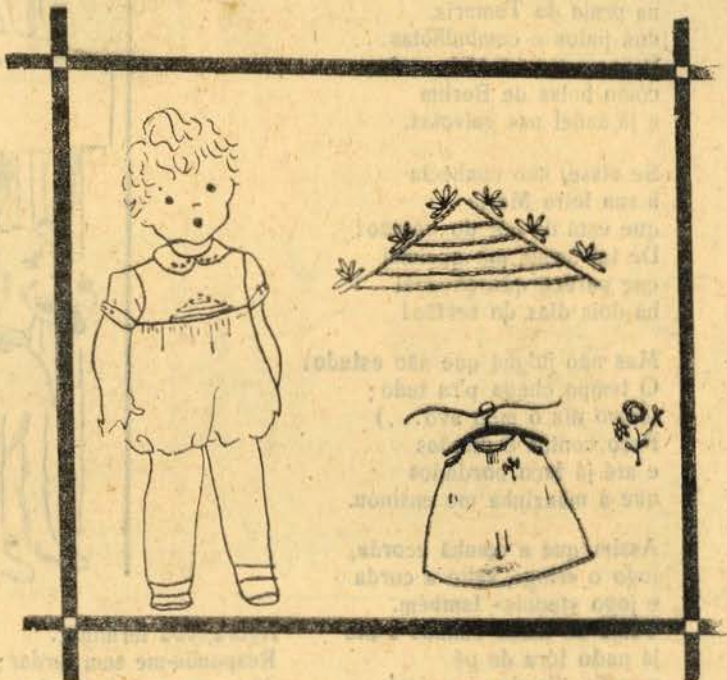
Nada há mais simples; com uma ajuda da mãezinha, facilmente poderão executar a obra.

O bordado da frente, compõe-se de uns cordões em ponto pé de flor, rematados por pequenas florinhas.

Também na gola e punhos, bordam algumas dessas pequeninas flores.

Bebê parece que é um pouco vaidoso, pois também vos quer mostrar a sua camisinha, que a renda e uma pequenina rosa bordada, tornam imensamente garrida!

Vossa



ABELHA-MESTRA

COLABORAÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DE "MARIBEL" Ortografadas e gramatizadas por seu PAI

I

UMA HISTÓRIA

Era uma vez um menino muito mau que era filho dum príncipe muito rico.

E uma vez o menino foi brincar para a rua e encontrou uns rapazes que pediram se lhes davam um bocadinho de pão; e éle disse assim:

— «Vocês, se não fôsseis pedinchões, eu levava-te para o meu palácio, que tem uma quinta muito grande, e eu dava-te roupa muito bonita, e assim não vais para o palácio do meu pai.

E agora, quando eu vir alguns pobre-zinhos que não peçam nada, é que eu os levo para o palácio do meu pai. Seja quem fôr que me peça esmola, eu não levo para o palácio do meu pai, que é um príncipe muito rico, que dá muitos brinquedos aos pobres que não pedem esmola.

Depois, no dia seguinte, éle foi para

a rua brincar e encontrou um pobre e perguntou-lhe:

— «Tu és pobre?»

— «Sou, sim, senhor, meu menino; não tenho pai nem mãe e ando à procura de trabalho para ganhar dinheiro.»

— «Olha, queres ir para o palácio do meu pai, que é príncipe?»

— «Quero, sim, meu menino; mas eu queria-me vestir muito bem para saberem que o meu menino é muito bem criado...»

Passaram-se dias e dias. No último dia, quando iam embarcar para o Brasil, o filho do príncipe bateu no pequeno; e como o pai do príncipe gostava muito do pobrezinho, tirou-lhe tudo quanto era dele e éle fez-se rapaz da rua.

A quem faz mal a uma pessoa, há-de sempre acontecer-lhe alguma coisa.

II

HISTÓRIA DE AMOR TRAIÇOEIRO

Era uma vez uma mulher e um homem que andavam a passear num dia de chuva. Sabem como se chamavam? Eram «amores traiçoeiros». E eram uns intrujões de primeira ordem.

Eles iam a dizer que sabiam cantar muito bem, e que já tinham ido ao Casino tocar num concêrto, com umas pessoas conhecidas.

Quando foram para o piano — ena, pai! — todos se fartaram de rir às gargalhadas, pois foram tocar o *Nini et Bébé*, uma música que a Maria Isabel já toca — e até já toca mais para diante. Ai! quando ela foi tocar o *Nini et Bébé*! — «ai! ai! o da guarda, peixe frito, quem m'acode senão eu grito!» gritava éla com tal vergonha, que saiu pela porta fóra e não disse nada.

É muito pouco sábio o homem que se julga sábio.

MARIBEL — (6 anos de idade)

CARTA da PRAIA

Por GRACIETTE BRANCO

Minha boa Professora:
— Com saudades, venho, agora,
falar-lhe do Sol que abrasa,
dêste Céu em pleno abril:
e of'recer-lhe a minha casa
em S. João do Estoril.

Sinto-me alegre e feliz;
na praia do Tamariz,
dou pulos e cambalhotas...
Passo a manhã tôda assim,
cômo bolas de Berlim
e já andei nas gaiivotas.

Se visse, não conhecia
a sua loira Maria
que está da côr do carvão!
De tal forma me queimei
que parece que cheguei
há dois dias do sertão!

Mas não julgue que não estudo!
O tempo chega p'ra tudo;
(como diz o meu avô...)
Faço contas e ditados
e até já faço bordados
que a mãezinha me ensinou.

Assim que a manhã acorda,
jogo o «ring», salto a corda
e jogo «tennis» também.
Tomo os meus banhos e até
já nado fóra de pé
sem auxílio de ninguém!

Agora, vou terminar.
Responda-me sem tardar;
dê-me essa grande alegria!

Um beijo repenticado,
com um abraço apertado,
da muito amiga **MARIA**



A HISTÓRIA DA MARIA ROSA (Continuado da página 1)



tentava-se com algumas fatias de pão
sêco e duas ou três chávenas de café,
para que Maria Rosa pudesse comer
o que tinha na vontade.

— Então — dirás tu e todos os outros
meninos que me lêem — Maria Rosa
era, com certeza, muito amiga da mãe
e nunca a arrelhava.

Infelizmente, não sucedia bem assim.
Ela era meiga, sem dúvida. De man-
nhã, apenas acordava, enchia de beijos
as faces da mãe e exclamava:

— «Querida, querida, querida mãe!...

Não há mãe melhor do que esta!»

A tarde, mais beijos e carícias:

— «Mãezinha adorada!... Anjinho

do céu!...»

E á noite, depois de a beijar cem

vezes, afirmava:

— «Gosto muito mais de si, que de

garmelada.»

Mas... tudo isto eram palavras,

saídas da boca e não do coração.

A amizade não se demonstra apenas

com beijinhos, abraços e solenes

afirmações. Uma pessoa verdadeira-

AS RATOEIRAS DO MAR



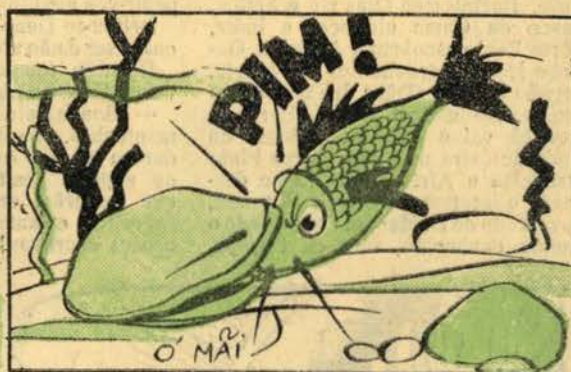
I — Dom Goraz, vendo brilhar, em sua concha, um marisco, diz, lá no fundo do mar:
— «Oh, que excelente petisco!»



II — Avança lépido e já pertinho, num alvorôço, ri contente: — «Ah, ah, ah!... Não tem espinhas... Que almoço!...»



III — Já fareja a rica presa... O molusco, todavia, prepara a sua defesa, enquanto o Dom Goraz ria.



IV — Fecha a concha, de repente, quando êle abria as gúelas, entalando-o brutalmente, fazendo-o ver as estrélas,

V — *Dêste continho, um profundo conceito deixo exarado:*
— *Em tôda a parte do mundo há ratoeiras... Cuidado!*

mente amiga de outra, evita-lhe desgostos e aflições, faz o possível por lhe tornar a vida mais leve e agradável. Não é verdade?

Valia bem mais que Maria Rosa fizesse poucas meiguices e fôsse obediente.

Porque Maria Rosa desobedecia sempre. E a mãe, a quem o trabalho custava muitíssimo menos do que a desobediência da filha, afligia-se, chorava e emagrecia.

Ora a senhora Cândida recomendava sempre á pequena:

— «Antes de atravessares a rua, olha para um e outro lado. Se vires que não vem perto automóvel nem carroça, atravessa então, no teu passo normal, nem muito vagaroso nem apressado.»

Mas ela, que só gostava de andar aos saltinhos, como as pegas, ou em correrias, como as lebres, não fazia caso das recomendações da mãe. E quando ia para a escola, ao atravessar a rua, ora imitava uma pega — pé aqui, pé acolá — ora fazia de lebre. Se na ocasião passava algum carro, o

coração da senhora Cândida, que da janela a espreitava, dava um grande salto e ficava depois a bater desordenadamente.

E um dia sucedeu o que era de esperar. Nêsse dia era a vez da lebre. E a lebre escorregou, não pôde escapar-se a tempo e foi apanhada de raspão por um automóvel. Perdeu os sentidos e ficou estendida na rua.

O coração da senhora Cândida deu um salto maior. Em seguida parou dois segundos. E a dona caiu para traz, sem acôrdo.

As vizinhas que trouxeram a casa Maria Rosa, já reanimada e apenas com leves escoriações, meteram na cama a senhora Cândida e correram a chamar um médico.

Este auscultou-a, deu-lhe um frasco a cheirar, injectou-lhe várias drogas e quando a viu melhorzinha, a rir e a chorar por ter ao pé de si, bem viva e sem mazela de maior, a sua querida filha, disse-lhe:

— «O seu coração está cansado, minha senhora. Portanto, nada de

fadigas, nem de comoções. E preciso evitar tudo o que possa causar-lhas.»

A senhora Cândida não respondeu, mas olhou a filha. Então, Maria Rosa arrependeu-se sinceramente. Caiu de joelhos junto ao leito da mãe e, num grito, exclamou:

— «Prometo, minha mãezinha, prometo que nunca mais serei teimosa, nem desobediente. Não quero tornar a vê-la nêste estado. Que seria de mim se a minha mãe morresse! Sôzinha, tão pequenita, nêste grande mundo!...»

— «Tens razão, minha filha — respondeu o médico. E fixa bem isto: «Sejas tu pequena ou grande, criança ou adulta, a tua mãe será sempre e através de tudo, a tua melhor amiga. Faz, pois, o possível por lhe prolongares a vida.»

Maria Rosa não voltou a ser desobediente. E a mãe melhorou. Hoje a senhora Cândida trabalha muito, é

UMA LENDA

Por F. M.

NAQUELE dia, o pequeno Carlos, ao ver o mapa-mundo, ouvia dizer a seu pai que o globo fóra quasi todo descoberto e possuído pelos portugueses.

— «Como, paizinho?

Foram os nossos avós senhores de quasi todas as terras e foram elles que atravessaram todos os mares?»

— «Sim, Carlos — explicou o pai—. Por vontade de Deus, este planeta não teve segredos para nós. Fomos os primeiros no mar, devido à grandeza de alma do Infante de Sagres, e no ar pelo génio de mestre João Torto.

David Melgueiro foi ao polo norte, Bartolomeu Dias viu a África, Vasco da Gama alcançou a Índia, Côrte Real descobriu a América, Godinho Herédia trouxe-nos a Oceania, Fernão de Magalhães deu a volta ao mundo. Ao mesmo tempo, Pero da Covilhã vai à Abissínia, Peres de Andrade entra no Tibet, Serpa Pinto atravessa a Africa, Pais Leme desvenda o interior do Brasil. Por isso, no reinado de D. Manuel I quasi todo o mundo conhecido, fóra da Europa,

era nosso. Mas tu sabes porquê foi a Raça portuguesa a escolhida, entre todas, para abrir as portas da terra?»

— «Não, paizinho. Conte...»

Estava Deus descansando no Paraíso. Havia já criado os homens e distribuído por elles a terra. Nesse dia, appareceu um homem para lhe falar. O Senhor atendeu-o.

— «Sou, Senhor, de uma poderosa nação da Europa. Sei, — pois me disseram os astros — que, para lá do mar sem fim, existem continentes ricos de ouro e de pedrarias. Queria apoderar-me d'elles e, para isso, venho pedir-vos auxilio».

Irritou-se Deus com a ambição daquelle ser e não atendeu a sua súplica.

Rolaram tempos e outro homem veio avistar-se com Deus:

— «Soube pelo vento que, além das montanhas, que limitam a minha poderosa nação, existem terras cheias de negros, amarelos e bronzeados que poderão enriquecer os meus exércitos e aumentar a legião dos nossos escravos. Peço, pois, Senhor,

o vosso auxilio para que essas terras sejam minhas.»

Do mesmo modo, Deus negou a satisfação do pedido.

Terceiro homem se apresentou:

— «Sou dum país pequeno, porém muito lindo, chamado Portugal, cuja principal maravilha consiste em ter gozado sempre da vossa bendita Graça. Disse-me uma voz do coração que, para lá dos areais sem fim das mi-



nas praias, existem mundos povoados de gente de todas as côres, mergulhadas na mais triste ignorância e desconhecendo o Vosso Nome.

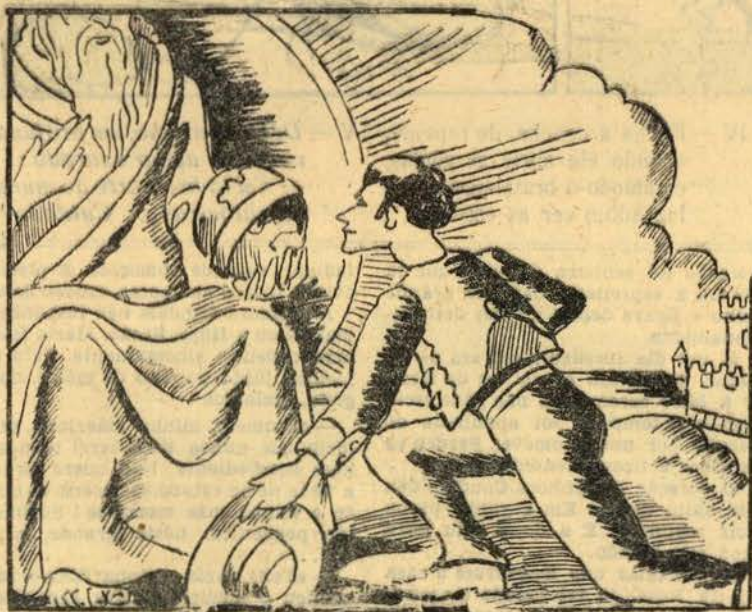
Quisera eu ir para esses mares, em serviço de Deus, não pelo fito de riquezas, mas à conquista de almas. Poderei não enriquecer, contudo trarei à mão de Deus tantos milhões de homens que se perdem, sem destino.»

Abriu, então, Deus os braços ao português:

— «Pois vai, português, meu muito amado filho. Pelos teus sentimentos, és digno de possuir o mundo. Para ti, de nada valerão as lendas tenebrosas. Para longe os vãos terrores! Descobre, conquista, civiliza e a História será tua.»

Auxiliado por Deus, o português lançou-se no descobrimento e conquista do mundo. É esta a lenda da expansão de Portugal.

Assim acabou o pai do Carlinhos aquella proveitosa lição.



certo, mas tem a grande consolação de poder dizer bem alto:

— «Bendito seja Deus, que transformou a minha Maria Rosa na mais carinhosa, na mais educada, na mais obediente das filhas!»

Rosa Maria:

A felicidade das mães depende muito

do comportamento dos filhos. Não pode sentir-se feliz quem tenha filhos desobedientes.

E a tua mãe, como todas as mães que se sacrificam pelo bem-estar dos seus pequenos, tem o direito de ser feliz.

Daqui em diante, vais ser muito obediente e não tornarás a desgostá-la. Combinado?

INTER * CAMBIO EPISTOLAR




Maria Luiza Matos
Duarte Cruz
17 anos



Flina Teresa
Pleolto
17 anos



Cândida Costa
Cortes
11 anos



Emília Maria do Ro-
sário Gonçalves
17 anos



Maria Teresa Barroso
de Lagos
15 anos



Ana da Soledade
Brito Gomes
18 anos



Enniette de Loures
Alcaide Alferes
16 anos



Maria Amélia Gut-
leiro Indias
11 anos



Maria Júlia Costa
de Sousa Pimentel
14 anos



Maria Manuela de Le-
mos Pereira Duarte
14 anos

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe for destinada, dentro doutra que será endereçada à Redacção do «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Inter-câmbio epistolar.*

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de inter-câmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram na coluna superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica, na mesma verticalidade, em baixo.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: — 1, extremidade duma peça de vestuário; 2, casa, habitação; 3, une, liga; 4, tempo do verbo dar; 5, terra portuguesa; 6, vogal; 7, vogal; 8, estrela mais próxima da terra; 9, gosta; 10, tempo do verbo ir; 11, mulher acusada de crime; 12, dez vezes cem; 13, vazia.

VERTICAIS: — 1, esvoaçado; 15, plantio de batatas; 16, pedra de altar; 6, tempo do verbo ser; 9, continente; 17, estômago das aves granívoras; 18, suspiro; 12, pedra de moinho.



PARA OS CASTELOS DE AREIA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

